

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

programa 4

CORDIALIDADE

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

A grande questão brasileira para mim do ponto de vista do poder é que aconteceu no Brasil algo que eu não consigo explicar, mas que Sérgio Buarque de Holanda em Raízes do Brasil mais se aproximou a meu ver, que é através da palavra ou do conceito, que virou conceito, cordialidade. Houve essa condição que eu ainda não consigo formatá-la, houve essa condição no Brasil de colocar o coração com um lugar no poder.

Laura de Mello e Souza [Historiadora]

E é isso o, o homem cordial, quer dizer, o cara que, que vai... Que estende a mão para fazer um ato e decepa, não é, que segue as emoções e que não se encara... Não se enquadra, perdão, dentro de uma, de uma ação racional seguida ou talvez o que, o que o Weber chama... Chamasse ou chamaria de ação racional em relação a fins. É um outro tipo de ação, então é uma, é uma... É um temperamento, é um etos que, que passa, é muito mais sutil.

Heloísa Starling [Historiadora]

Essa dificuldade que nós temos com a lei, com o Estado, com a, com a... Com as normas isso tem a ver com a cordialidade, isso tem a ver com uma sociedade em que as questões se resolvem no âmbito do privado.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

A cordialidade é uma alegoria, é uma alegoria para o coração, quer dizer, e ele vai dizer: “É preciso interpretar cordialidade no sentido etimológico: vem do coração”, só que vindo do coração é o indecível.

João Cezar de Castro Costa [Ensaísta]

O homem cordial, diz o Sérgio Buarque de Holanda é o fruto da sociedade patriarcal e de uma sociedade agrária. Isso que dizer que o homem cordial é dominado pelo cor, cordis, pelo coração, e portanto impõe em todos os seus gestos seja na esfera pública, seja no domínio privado a lógica afetiva do coração, isso é, ele nunca consegue lidar com a ordem impessoal de uma sociedade urbana moderna, ele tende sempre a essa ordem agrária, autocentrada, patriarcal na qual o pater famílias tem poder de vida ou morte e geralmente o exerce não a partir de uma lei racional mas pelos impulsos do coração.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

É o exemplo que é sempre dado do senhor de engenho que chicoteia para poder conseguir o amor do escravo.

Auterives Maciel [Filósofo]

Você serve ao seu senhor e dará a ele a ilusão de que você o ama e ele poupa por su... Por sua vez a sua vida e, e você vive segundo as conveniências do seu senhor dando ao seu senhor a ilusão de que ele é o senhor para poder salvar a sua vida. E, e... Essa cordialidade no meu entender é perversa, ela é perversa porque ela, ela, ela recobre uma série de pequenos mecanismos de servidão que estão sendo disar... Disfarçados, tá certo, em nome de uma pseudo cordialidade que só existe em função do narcisismo do senhor. Agora, detalhe, a perversão não sa... Não está só do lado do senhor, é curioso, está do lado também do escravo que serve não porque ama mas porque tem medo.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

Essa cordialidade é uma forma de pensar o público a partir do privado, isso é muito característico do Brasil. Se você for pegar o começo da formação do Estado nacional brasileiro e a sua, enfim, a forma como ele se, se, se relaciona inclusive com assuntos relativos à escravidão é a partir dessa cordialidade, ou seja, do cordis, do coração, do que é meu, do que é privado. Então isso em última instância a manutenção da escravidão no Brasil ela é uma opção feita por esses homens que são senhores de escravo e que estão pensando o Estado nacional brasileiro a partir dos seus próprios interesses.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

E Ruy Barbosa diz isso e a gente esquece: “A pátria é a família amplificada”, está lá, Ruy Barbosa, entende? Quer dizer, esse pater famílias não interessa que ele seja D. Pedro II ou o, o dono de engenho, é o pater famílias, esse Estado emana da família, ele emana da família seja o Estado que é constituído com engenho, seja o Estado que é constituído na capital. Então nós vamos ter essas grandes famílias que serão responsáveis pelo coronelismo, o coronel é isso, é o pater famílias.

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

É um poder falocrático, é um poder de... Há toda uma, uma... Um desenho, digamos assim, da sociedade que se monta a partir do desejo desse homem central, quer dizer, um homem que portanto vai viver assombrado por esse, por esse universo dos seus dominados e das suas dominadas.

Arno Wehling [Historiador]

A ideia de patriarca não é uma ideia estranha ao... À sociedade do antigo regime nem ao Estado, e... Essa é uma sociedade cristã em que você estabelece uma espécie de relação paternal, paternalista de Deus com os crentes, do rei com os súditos e do pai com a sua família. Isso se reflete no comportamento, se reflete na legislação, então uma legislação que é altamente protetora dos direitos do pater família, dos direitos... Do direito de primogenitura, que o primeiro filho herda o patrimônio não divide, o segundo filho é encaminhado para Coimbra para se tornar bacharel entra a, a burocracia, enfim, portuguesa e o terceiro filho se torna padre o que é uma forma também de entrar num outro tipo de burocracia que é a eclesiástica.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

A segunda instituição que será requerida por essa visão de cordialidade e coração vai ser a religião, que é através do compadrilho, quer dizer, você vai criar então ao lado da família a sagrada família, a sagrada família porque o senhor de engenho... Todos vão querer que o senhor de engenho seja padrinho do menino que nasce ou da menina que nasce, então é a família amplificada.

Danilo Marcondes [Filósofo]

O tema da cordialidade eu acho muito interessante e eu acho que é uma imagem cultivada, né, desse, desse autoritarismo paternalista ao mesmo tempo, eu sei o que é melhor para o outro, eu vou manter o outro no seu lugar mas eu não vou tratar mal. Eu digo o seguinte, um dos melhores sociólogos, talvez uma das pessoas que melhor entendeu o Brasil, dos melhores sociólogos que nós tivemos foi Debret. Pega as gravuras do Debret, vê como é que ele mostra a escravidão na sociedade do Rio de Janeiro, eu estou falando do Rio de Janeiro. O papel do escravo doméstico, como é que o escravo doméstico é incorporado à família, né, aquela cena de uma família almoçando e tem as crianças negras comendo ali e o senhor dá de vez em quando pedacinho de um franguinho, sei lá do que, dá e, e a escrava está lá que serve à mesa contemplando aquilo. Há ao mesmo tempo uma integração e um, e um abismo enorme, você vê ali uma... Um paternalismo e uma violência porque aquelas pessoas não participam elas são excluídas, mas ao mesmo tempo elas estão ali na sala de jantar todo mundo junto.

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

É um universo familiar no sentido mais profundo, o Sérgio Buarque trabalha com isso, eu acho, se eu não me engano, já na primeira edição com a etimologia por exemplo da palavra família ligada a fâmulos também, fâmulos é o escravo e é a mesma raiz da, da palavra família, porque o escravo faz parte dessa família, portanto tem uma relação aqui que é uma relação de poder também, está baseada nessa grande estrutura social.

Marilena Chaui [Filósofa]

Nos outros países você fala senhor, senhora, vós e usa o sobrenome. Os estrangeiros sempre estranham porque basta chegar você é tratado imediatamente pelo prenome, você é tratado direto pelo nome como você porque isso é próprio da estrutura da família, é es... É próprio de esta... Do espaço privado, é como se no Brasil nunca se pudesse ter um espaço público.

Beatriz [Escritora e ensaísta]

O que eu acho uma coisa que ainda me impressiona muito na, na cultura brasileira é uma espécie de aproximação física com o outro, uma capacidade de tocar o outro em público e de expressar pensamentos e emoções através desse toque físico. Eu acho que ninguém chega a... À apropriação, não é nem apropriação, à desinibição desse

tocar como, como os brasileiros. Eu não sei se isso faz parte dessa ideia de estabelecer sempre um diálogo personalizado com as pessoas, porque tudo funciona numa base assim mais ou menos personalizada já que a lei é muito abstrata e muito indiferente e muito pouco justa, então você tem que fazer aquela tramitação ou, não sei a explicação pertinente para isso.

Lívia Barbosa [Antropóloga]

Você não quer ser tratado igualmente pela lei você quer que a, que a lei reconheça o, o drama particular de cada um e, portanto, ela possa entender a sua situação e, portanto, julgá-lo dentro de um determinado contexto e não dentro de um determinado contrato. A estratégia do jeitinho de chorar miséria, você contar o seu drama pessoal é justamente, você não quer ser reconhecido pela impessoalidade da lei, eu acho que esse é um, um drama social que nós sistematicamente temos que lidar.

Heloísa Starling [Historiadora]

O pressuposto da democracia e eu posso dizer e da república é o de que nós vamos nos reconhecer dentro de uma comunidade em que todos são absolutamente iguais. Isso é uma dificuldade para determinados setores da sociedade brasileira, como assim nós...! Mas nós não somos tão iguais assim, né, porque... E aí você tem todas as perversões que a gente conhece, você sabe com quem você está falando, aí sim eu vou dar um jeitinho porque eu sou filho do, do ex-governador, então eu quero dar uma carteirada ali para entrar num... Para ver o desfile de escola de samba e por aí vamos. O grande entrave da cordialidade e essa... Talvez essa fosse uma perplexidade do Sérgio Buarque de Holanda para pensar o Brasil era como que nós vamos construir, portanto, uma sociedade em que algumas formas de comportamento exigem impessoalidade se nós só operamos nessa chave do privado aonde as pessoas... Porque a chave do privado é essa, a casa é isso, eu te conheço você me conhece e nós vamos operar nesse conhecimento, eu posso te odiar ou te, ou te amar. O Sérgio Buarque achava, um dos diagnósticos que ele fala é: “Nós vamos resolver esse problema porque a modernização vai acabar com essa cordialidade”, ele errou, não acabou.

Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]

Por um lado, o Brasil ainda é cordial na medida que o processo de modernização não se completou aqui como não se completou em nenhum lugar do mundo, mas aqui

menos do que em alguns países anglo-saxões. Por outro lado, recentemente a sociedade brasileira passou a recusar as práticas cordiais dissolventes, encobridoras, conciliatórias e passou a explicitar os seus conflitos não os de classe como também os identitários. Desde junho de 2013 surgiu no Brasil um novo espaço público mais tenso, mais intenso, mais democrático, mais polarizado e mais dogmático também, nós não somos mais o país do futebol nós somos o país da política. Dizer isso pode causar alguma estranheza porque a política no Brasil sempre foi uma experiência de falsificação e imobilismo, mas isso é da perspectiva das instituições do sistema político. Da perspectiva da sociedade o que existe é um desejo de lavar roupa suja acumulada em cinco séculos.

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

Seria uma leitura empobrecedora me parece do Sérgio Buarque de Holanda imaginar uma vitória absoluta do espírito da cidade, não é, de uma urbanização que portanto vencesse essa, essa força da família. Fami... Família pensada aqui, força da família pensada um pouco a partir da lógica clânica, do clã, que se faz, que se, que se impõe ao que seria o, o desejo ou a necessidade pública da república, da res-pública, da cosia pública, né. Então é um pouco a ideia aqui da república versus a família, toda a discussão sobre a lógica familiar que está no coronelismo, que está na, na... Que está na cordialidade, que está na maneira como a política é gerida tradicionalmente, secularmente talvez nesse país.

Marcos Nobre [Filósofo]

Se a gente for pensar, por exemplo, a ideia do caráter brasileiro. Essa noção de caráter é alguma coisa que estava circulando no mundo alemão, que o Sérgio Buarque conheceu, e que era muito forte. Então a ideia de caráter ela não significa uma ideia de uma espécie de uma essência ou de uma essencialidade, de algo que é imutável, né, sei lá, uma característica do brasileiro imutável é ser cordial, não é isso, quer dizer, o caráter, a ideia de caráter ela é uma certa cristalização psicossocial de uma determinada forma de dominação, como é que essa dominação é internalizada por assim dizer, como é que as pessoas aceitam uma ordem injusta, né, de dominação. É possível ler todas essas formas pretéritas, todas as tentativas de interpretação do Brasil como formas de subjetivação da dominação. O conservadorismo brasileiro, seja lá o da cordialidade ou do peemedebismo, o que ele faz é tentar impedir o confronto democrático.

Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]

Será mesmo que se pode dizer de maneira totalizante que o brasileiro é cordial ou não é antes mais exato dizer que as classes econômicas dominantes têm um interesse de dissolver os conflitos, não é, na medida que o enfrentamento pode ser prejudicial à manutenção do seu poder, enquanto que as classes desfavorecidas elas não têm um traço psíquico da cordialidade. Elas nunca tiveram sim situação de poder para conseguir fazer com que o interesse do enfrentamento prevalecesse.

Vladimir Safatle [Filósofo]

Quer dizer, você tem uma oligarquia que exatamente ela, ela pode se matar mas ela depois ela se acerta, mas ela pode se acertar por que? Porque em última instância trata-se então de você insistir: “Nós vamos preservar nosso poder de mando “, e de fato o Brasil tem essa característica fantástica, quer dizer, você tem, você tem cinco gerações, sete gerações de pessoas que, que, que comandam as estruturas locais e mesmo as estruturas federais muitas vezes. Então esse... Dentro desse processo qual que é um... Qual que é a condição fundamental para que ele se perpetue? É que a so... A população so... A soberania popular ela não possa acreditar na sua própria força, então é, é necessário que você melancolize a população continuamente. Poder ele age em nós produzindo melancolia ele não age coagindo externamente, ele não age coagindo fisicamente as pessoas, ele age criando essa posição depressiva no qual você fala: “Não, mas eu não tenho força nenhuma para fazer nada”, né: “Eu não consigo fazer nada, tudo que eu faça não vai dar certo”, como, veja a história brasileira nunca nada deu certo.

Contardo Calligaris [Psicanalista]

O brasileiro no fundo, isso também Sergio Buarque diz isso que não gosta muito de conflito aberto e direto. E, e a... Eu acho que encontra equilíbrios é a arte de, de uma negociata interna, externa que faz que a gente consegue conviver, então a revolução fica difícil nesse caso.

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

Que a ideia de, de revolução, de separação do, do público e do privado, de, de, de, de encontrar uma forma para, para contornar e superar, não é, as tendências oligárquicas da, da sociedade brasileira que é a grande, grande questão do Sérgio em

parte os modelos, digamos, o imaginário com que está se lidando é muito, é muito europeu, não é, muito do pensamento político clássico, não é.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

É essa confusão entre público e privado principalmente pelos homens que gerem esse... Os órgãos públicos e da República que, que cria esse homem cordial. Então é isso que eu acho que a gente precisa parar para pensar, porque são esses interesses que acabam falando mais alto e isso é muito complicado numa república, né, isso é quase que uma anti república. O republicano é pensar a partir da coisa pública e como quem está pensando e quem está executando, criando as leis são homens cordiais, ou seja, que misturam suas, suas relações e interesses privados com o público a gente tem essa confusão histórica.

Paulo Sérgio Duarte [Crítico de arte]

O lugar da cidadania é um lugar de uma sociedade anônima, ou seja, onde não se individualiza e não se personaliza as relações enquanto no... Numa sociedade patriarcal é tudo personalizado e tudo individualizado através do nome, sobrenome, etc., e no Brasil tem muito essa marca até hoje, ou seja, as... Os patrimônios que a gente estava falando antes são construídos a partir desses tipos de relações.

Fred Coelho [Historiador]

Falar aqui, né, o, o homem cordial brasileiro era cordial porque ele era bom. Isso aí caiu há muito tempo, mas talvez isso também tenha ido para um outro extremo que é o homem cordial brasileiro ser necessariamente, automaticamente colado à ideia do patrimonialismo, né, onde você só cria interfaces com o Estado ou com governos ou entre grupos sociais a partir do pessoalismo, a partir da cordialidade, né, não é só isso mas estou aqui sintetizando. Acho isso importante mas ao mesmo tempo acho que isso não dá mais conta não, acho que a sociedade brasileira mudou muito.

Laura de Mello e Souza [Historiadora]

E o homem cordial não é um homem moderno é um homem próprio de um período em que, em que as, as emoções se apresentam de uma maneira diferente, as relações pessoais elas são pautadas pelo privilégio e não pela igualdade. É uma sociedade cujo privilégio é de direito como hoje em dia a nossa sociedade é assentada

na igualdade: “Ah, mas é profundamente desigual”, isso é outra coisa, mas se você for na Constituição não está escrito: “A nossa sociedade é profundamente desigual, nós todos somos racistas”, não, todos nós somos iguais perante a lei, depois da Lei Afonso Arinos o racismo é crime, não é, é, é um grande avanço que isso esteja na lei. Estamos... O homem cordial é o homem de outra sociedade que é uma sociedade onde o privilégio ainda é lícito.

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

Aquilo que é a incapacidade de entender a abstração da política, o momento em que numa sociedade eu não posso mais tratar o outro como amigo, como apaniguado, como protegido mas eu tenho que ver aquela pessoa como um cidadão dotado de direitos, não é, e ao mesmo tempo tenho que tratar aquela pessoa da mesma forma que eu trato a um, um desconhecido independente de cor, classe social, não é. Essa é a grande questão, eu acho, que dos direitos democráticos, não é, e, e a cordialidade vai contra, não é, esse mundo. Há uma ambivalência profunda, não é uma ambiguidade, é uma ambivalência que não se resolve, alguma coisa que fica soando. Isso é o que faz Raízes do Brasil, eu acho, um livro especialmente interessante e talvez isso explique um pouco a longevidade do livro também.

Eduardo Jardim [Filósofo]

A cordialidade do homem brasileiro parece ser uma característica, parece uma singularidade desse homem brasileiro, dessa civilização brasileira, possivelmente é até a contribuição que o Brasil vai dar nesse conserto das nas... Nações como? Trazendo para as instituições políticas, trazendo para o mundo moderno uma dimensão de personalismo, uma dimensão de plasticidade que vai possibilitar que a era moderna, que o mundo, que as instituições modernas sejam... A elas sejam agregados os traços mais humanos.

Manolo Florentino [Historiador]

Da noção de tempo que chega com o português, mas que chega sobretudo com o africano é um tempo que é diferente do tempo time is money, não é. Ele é um tempo em que as pessoas fazem questão também do ócio, quer dizer, nesse sentido a tese do Gilberto é muito interessante, num momento de intensa automação dos processos produtivos países como o Brasil, até mesmo países como Portugal e Espanha partiriam

na frente, porque eles saberiam como utilizar o ócio muito mais do que, por exemplo, as sociedades anglo-saxãs.

Antonio Risério [Antropólogo]

A cordialidade é a razão técnica porque é essa oposição que Sérgio Buarque faz entre o... É o funcionário, é, é a burocracia impessoal weberiana, é a sociedade do cálculo e do outro lado quem se envolve mais pelo coração, pela emoção, pe... Pelo contato. Eu acho que Sérgio pode estar certo. O fato da gente não ter aderido, não ter conseguido aderir à modernidade, à razão técnica pode se converter numa virtude de: puta que pariu, graças a Deus que a gente não se rendeu a isso ou não conseguiu ser isso, nosso fracasso aponta para o futuro de transcendência e da superação da coisa estritamente tecnicista e da religião do cálculo e, e da racionalidade.